

Lídia Jorge, *Misericórdia*, D. Quixote (2022)

## UM ROMANCE ADMIRÁVEL

Paulo Sucena

1. Lídia Jorge, além de uma escritora admirável, é uma cidadã permanentemente atenta aos chamamentos do mundo. Os leitores fiéis dos seus romances, contos e poemas não deixam passar em claro a sua intervenção vigilante, arguta e oportuna, através de artigos, entrevistas, participação em colóquios ou debates, acerca do que vai acontecendo num tempo histórico, político e social extremamente preocupante.

A figura de Lídia Jorge como cidadã surge sempre repassada de uma profunda humanidade, refletindo, escrevendo e agindo no reverso da conceção renascentista do que era um artista, um ser superior ao comum dos humanos. O propósito de Lídia Jorge não é o diálogo com o divino, porque tem consciência, como Walter Benjamin, que a sua tarefa é o mundo. O mundo das vítimas de guerras de uma crueldade bárbara, como acontece na Ucrânia e no Médio Oriente, o mundo dos excluídos, o mundo onde se expande um egoísmo feroz e fenece a solidariedade, um mundo em que a ambição do lucro reduz os humanos a números ou a coisa nenhuma, um mundo em que os problemas climáticos se agravam assustadoramente, um mundo onde as políticas de extrema-direita crescem nos vários continentes em detrimento de regimes democráticos, um tempo em que a pobreza alastra e a dignidade humana se degrada.

Lídia Jorge é uma voz imprescindível contra os desconcertos do mundo e na defesa de princípios que assegurem o respeito pelo ser humano e pela Natureza e propiciem o desenvolvimento político, económico, social e cultural do seu país e do mundo.

2. A meu ver, o riquíssimo perfil da cidadã Lídia Jorge reflete-se profundamente na construção do sujeito textual que assume a narração no romance *Misericórdia* e é simultaneamente a sua personagem principal. Estamos, portanto, perante uma narradora autodiegética, Maria Alberta Nunes Amado, a inesquecível Dona Alberti, personagem maior da literatura portuguesa contemporânea, que assegura o fio condutor da história passada entre 18 de abril de 2019 e o dia 19 do mesmo mês do ano seguinte, no Hotel Paraíso, nome de uma irónica ambiguidade atribuído a um lar de idosos.

Dona Alberti ao assumir a narração da história na primeira pessoa pretende porventura fazer do trajeto final da sua vida um exemplo que possa servir aos outros e enriquecê-los. Ela apresenta-se de um modo cruamente verdadeiro, sem escamotear nada da sua fragilidade física atual, sem força nos pulsos, principalmente num deles, o que lhe causa dificuldades no uso dos talheres, e sem poder locomover-se. Desloca-se numa cadeira de rodas que designa por charrete, onde os cuidadores a sentam e levantam. Se a fragilidade física não é escamoteada, a fragilidade psicológica de uma mulher forte e determinada em que razão e emoções se plasmam também não o é. Acresce ainda que, logo no início do romance, Dona Alberti diz-nos que a ameaça da morte paira sobre ela desde que entrou no Hotel Paraíso. A morte surge como uma figuração da noite com «a sua boca escura, confundida com o escuro mais escuro.». Estamos em face do parâmetro escuridão, sinónimo de morte, em oposição a

luz, sinónimo de vida, ou, se preferirem, estamos ao nível dos sentimentos perante a antinomia tristeza/alegria que vemos no decurso da diegese percorrer o universo de *Misericórdia*.

Voltando à figuração da morte, que ao longo do tempo não deixa de atormentar Dona Alberti, constatamos que a narradora a descreve diferentemente em cada aparição o que me trouxe à memória o poema “Vida”, de António Nobre, em que o poeta canta os olhos da amada usando um jogo prodigiosos de mutação de cores. Deixemos, porém, este pormenor revelador da riqueza da língua literária de Lídia Jorge e sublinhemos, desde já, que a narradora tem a preocupação, *ab initio*, de mostrar a disforia que perpassa pelo Hotel Paraíso em que o silêncio das noites enclausuradas nas «paredes nuas» do edifício se confronta negativamente com as coisas belas da vida que ocorrem no exterior do lar, como seja o canto «de um pássaro da Primavera» na «madrugada cor-de-rosa».

Por outro lado, Dona Alberti tem consciência de que «a felicidade é um bem muito escasso» e por isso procura momentos felizes através de movimentos da memória, a qual desempenha um papel de relevo no interior do enredo de *Misericórdia*. O movimento memorialístico permite-lhe afirmar: «e eu pensei – Bendito seja o efeito da Primavera, pois sob o seu vento benéfico tudo luz, tudo se reproduz e multiplica, mesmo para aqueles para quem o amor é uma lembrança» ou, acrescento eu, uma dádiva da imaginação.

O amor. Eis outra relevante linha de sentido que encontramos em *Misericórdia*, seja o amor lembrança de Dona Alberti por Edgar de Paula, pai de sua filha, cujo perfil de sedutor, similar ao de Humphrey Bogart, é descrito numa das raras analepses do romance; seja o amor platónico que a narradora nutre pelo belo sargento João de Almeida, seja o amor que Dona Joaninha vem concretizando quotidianamente até à noite em que o sargento morre envolto no romantismo intenso da música de boleros que dança com Dona Joaninha, seja o de Lilimunde que, tal como Dona Alberti, assume corajosamente ser mãe solteira.

Com o amor se confronta a morte. Nesta tensão entre Eros e Thanatos, entre a memória que tem da casa dos pais e de tudo o que de bom e de belo a vida lhe deu, e a memória da Natureza onde «todas as árvores do mundo cantam, caladas» e a aguda consciência de que o Hotel Paraíso é o lugar onde vai morrer, onde «não há mais nada que seja só meu, nem o meu corpo nem o meu espírito», Dona Alberti resiste e pensa «sou forte, não me rendo, não tenho medo nem dó de mim». Portanto, a narradora e personagem principal deste romance não faz dele uma complacente e misericordiosa narrativa. Aliás, ao longo da diegese sempre Dona Alberti recusou o lamento e a passiva anuência a um inexorável destino. Mesmo sabendo que a saída da casa que herdou de seus pais e a ida para o Hotel Paraíso foi uma viagem para o exílio, Dona Alberti afirma convictamente «não desisto». Não desiste de quê, perguntará o leitor. Não desiste da vida nem de amá-la o mais longamente possível.

Outra linha de sentido me parece importante relevar em *Misericórdia*, a que mostra o complexo e contraditório clima humano que se vive no Hotel Paraíso, um lugar onde Ali Abdul e Lilimunde são vítimas da crueldade de outros utentes e onde a própria Dona Alberti viveu dias amargos infligidos pelo desinteresse, o egoísmo, a desumanidade de algumas cuidadoras que chegaram ao ponto de lhe roubarem o dinheiro e um bilhete do sargento João de Almeida que para si era uma mensagem de amor guardada num saco de pano pendente do pescoço.

O que se passa no exterior do Hotel Paraíso também se repercute no seu interior. Os aspetos deprimentes do que se passa em Portugal e no Mundo foram suficientes para que Dona Alberti recusasse ouvir a leitura de jornais para que um jovem voluntário da Associação de Boa Vontade se mostrou disponível. Recusou tal leitura porque «desde há um tempo a esta parte ficava nauseada com o relato de tanta tragédia, tanta vigarice, tanto assalto, tanta gente morta em barcos de borracha sem alcançarem as margens, tanta guerra, tanta bomba, tanto funeral com caixões às costas por cima de multidões revoltadas». Pelas mesmas razões, pediu a Nina Mercedes, uma fonte de alegria e um coração solidário, que lhe guardasse o televisor no armário da roupa para assim se libertar do óculo que lhe mostrava «o destino do mundo como um aterro sanitário».

Instituindo uma subtil conexão entre os dois mundos, a narradora, de uma forma extremamente hábil e literariamente muito bem construída, vai pontuando a diegese de acontecimentos que nos permitem intuir que o Hotel Paraíso é de algum modo um microcosmo no interior do magno desconcerto do mundo. Porém, se o discurso deixa por vezes instilar a ideia de sobrevivência entre humanos, logo Dona Alberti explode numa manifestação solar oriunda da beleza, do amor, da bondade, da harmonia interior. Explosões que a narradora vai disseminando ao longo da diegese e se revestem de diversas tonalidades como a que aconteceu com a entrada no Hotel Paraíso de João de Almeida, uma beleza de homem, na opinião de Dona Alberti, que «vem acenar com a vida. Todos vivos, unidos, vivamos».

Outro importante vetor que percorre *Misericórdia* é o dos diálogos entre Dona Alberti e a filha, por vezes tensos e ásperos devido a pontos de vista desencontrados, mas que acabam por se saldar de forma positiva como inequivocamente o mostra o capítulo 52, cuja leitura nos evidencia que a visita da filha e a conversa que com ela manteve deixaram Dona Alberti em harmonia consigo mesma.

Essa harmonia interior enche-se de luz nos momentos em que a beleza floresce, como aconteceu quando o Senhor Peralta tocou ao piano a “Gaivota” e Dona Alberti confessa «eu sinto vontade de agradecer tanta beleza que de vez em quando me cabe viver e tanta alegria a que me cabe assistir». Aliás, *Misericórdia* oscila entre a luz e a escuridão, se preferem entre a vida e a morte, a melancolia e a alegria, com a frequente vitória dos polos positivos que outorgam a Dona Alberti a possibilidade de afirmar «recuso o lamento», «não desisto» e lhe dão a força e resistência interiores que evitam que ela seja vencida pelo horror da invasão do Hotel Paraíso por milhares e milhares de formigas.

Se é certo que no capítulo 38 lemos que «a melancolia definitiva tinha entrado com a formiga-ladra e não saía», não é menos verdade que pouco tempo depois Dona Alberti confessa que «pensamentos reconfortantes preenchiam a minha alma» e dá-nos a conhecer alguns deles: «Preencho a minha alma com as visitas sem fim que faço ao mundo que lembro [assinalo uma vez mais o relevante papel da memória em *Misericórdia*] como se de novo possuísse Natureza a Natureza que está longe. A tudo isto, eu, Maria Alberta Nunes Amado, designo por minha vida».

Do ponto de vista da melancolia e do desânimo, *Misericórdia* atingirá o seu acme em “Sete Parágrafos Em Seu Nome”, no entanto considero imprescindível ressaltar o momento

depressivo por que passou Dona Alberti ao lhe serem roubados 30 euros e ao sentir-se despojada daquilo que amava – os seus agasalhos de Inverno e principalmente o bilhete de João de Almeida. Sem ele, Dona Alberti sentia-se «vestida de nada». Então resolve pôr em prática um plano para morrer, ela que amava a vida, comendo cada vez menos em cada dia que passava.

Ao fim de cinco dias sem comer acabou por trincar uma bolacha, sossegando finalmente a diretora do Hotel Paraíso e o enfermeiro Marlon. Porém, a prolongada abstinência gerou uma situação dramática provocada pela falência do organismo de Dona Alberti que a deixou pejada de excrementos, o mesmo acontecendo às suas roupas e às da cama. As cuidadoras lavaram-na, perfumaram-na, vestiram-lhe roupa lavada, alindaram-na com os adereços habituais e tão bem a trataram que Dona Alberti pensou para consigo que elas tiveram «misericórdia de mim». Este pensamento não legitima a conclusão de que o sentimento de uma complacente compaixão percorre o romance de Lídia Jorge. De facto, esse sentimento é apenas atribuído à bondade de umas prestimosas cuidadoras, personagens secundaríssimas de *Misericórdia*.

O que Dona Alberti sublinha é o gesto solidário que recebeu das cuidadoras, tal como sentiu como fraternais as palavras de condenação do seu gesto proferidas por Salomé e pela encarregada Martine e foi com gosto, como quem partilha afetos, que bebeu o café com leite que ambas lhe trouxeram enquanto pensava «afinal preciso de comer, de beber, preciso de sobreviver».

Dona Alberti é uma personagem fascinantemente complexa, por isso o leitor de *Misericórdia* não estranhará que noutro momento desponte nela uma ideia diferente, apesar de nascida também do encontro de duas almas de onde emana uma profunda humanidade, a sua e a de Nina Mercedes. Enquanto Nina dormitava de cansaço, sentada na cama vaga ao lado da sua, Dona Alberti ponderava serenamente: «O sono sentado de Nina Mercedes parecia ser um incentivo ao meu sono. Eu via a alma das suas mãos cruzadas. Pensei para mim que se fosse assim, esta noite, não me importava. A harmonia existe.».

Dona Alberti é uma personagem multiforme, reage de acordo com as circunstâncias e quando elas se revestem de sinais positivos o seu amor à vida reforça-se e ouvimo-la proclamar «sinto um entusiasmo pela vida como não sentia há muitos anos.».

O espírito livre e aberto de Dona Alberti permite-lhe compreender o complexo e contraditório microcosmo que é o Hotel Paraíso, mas o seu amor à vida e o seu respeito pela dignidade humana retiram objetividade à sua visão do Hotel Paraíso quando ele passou a ser um lugar cercado pelo Covid, um lugar onde não sai ninguém nem entra ninguém. No decurso do tempo o vírus vai atacando muitos dos utentes do Hotel Paraíso o que obriga a que os infetados sejam separados dos sãos. A vida de todos vai-se degradando porque muito do pessoal está doente ou hospitalizado. Apesar de tudo isto, Dona Alberti pensa que vai resistir ao vírus. Mesmo quando sofre de febre, tosse, dores de cabeça e é transferida para o rés-do-chão, onde permanecem os infetados de um universo em que a morte já ceifou muitas vidas, Dona Alberti cuida que vai ser poupada.

Mas a noite/morte veio atrás dela até ao rés-do-chão e Dona Alberti, num gesto tão heroico quanto absurdo, com a força que o amor à vida e a resistência à morte ainda lhe

incutem, proclama: «Deixa-me da mão, ó noite. Estou cheia de energia, quero voltar ao pátio da escola e saltar até me voar o chapéu.». Porém, a cantiga que fecha a narrativa abre assim:

*U u, morreu o bu.  
O bu já não ressuscita.*

3. Em síntese, *Misericórdia* é um romance sobre a condição humana em cuja substância Lídia Jorge dá relevo ao que julga essencial. É um romance que aborda a solidão, o bem e o mal, a vida e a morte, o amor e o desinteresse dos humanos. É um romance em que as palavras são, como diz a narradora, e adquirem configurações tão densas como o rumor do mundo. Elas próprias se organizam para, por si só, se afirmarem como um mundo. O mundo da narrativa. É um romance em que a narradora se agiganta e resiste estoicamente às circunstâncias adversas e mantém a força necessária para afirmar sempre o seu amor à vida e à Natureza. Dona Alberti poderia dizer como o poeta da VII Elegia de Duíno – *Hiersein ist herrlich*, estar aqui é admirável. É um romance de afirmação da força existencial da consciência humana na procura de um sentido para a vida. E também um romance em que a narradora é uma voz conseqüente na afirmação da dignidade humana e na proclamação da necessidade de os humanos pautarem o seu comportamento sob a luz dos mais altos princípios humanistas. Não tenho qualquer hesitação em colocar na voz de Dona Alberti as palavras do título do último romance Sasha Marianna Salzman: *Im Menschen muss alles herrlich sein*, nas pessoas tudo tem de ser esplêndido. E porque a narradora assim pensa não tem qualquer pejo em fustigar com palavras cruéis o Senhor Tavares pela atitude mesquinha com que quis humilhar Ali Abdul – «Você, Tavares, é a figura do mal [...]. Se alguém não sabe o que é o mal, o mal é você.

Amaldiçoado seja você para sempre, Senhor Tavares.».

*Misericórdia* é um romance que recusa o lamento e a lamúria e também a complacência. É um romance de resistência às circunstâncias adversas à realização de uma vida plena que Dona Alberti assume sem tergiversar, ancorada na força da esperança que para ela não é a última a morrer porque é imortal.

*Misericórdia* é um exemplo de altíssima qualidade literária que confirma admiravelmente o que Óscar Lopes pensava da literatura - «importa a toda a dignidade humana.».

4. Termino à luz do último verso do poema “Jornada”, de José Gomes Ferreira. Num tempo de desolação, tristeza e fundas preocupações, avassalado por guerras barbaramente cruéis, pela expansão desenfreada de uma extrema-direita órfã de valores éticos e democráticos, pelo recrudescer de ofensivas à dignidade humana num mundo onde a pobreza alastra e a situação climática se agrava, Dona Alberti salta das folhas de *Misericórdia* e vai ao lado de todos os democratas na sua luta pelo progresso da humanidade, proclamando, bem alto, a esperança é imortal.